



# POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:  
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional  
Serviço de Depósito Legal  
L I S B O A - 2

## O ALGARVIO NÃO PODE ALHEAR-SE DO QUE ESTÁ A ACONTECER À SUA VOLTA

SUBITAMENTE acordado de um longo sono, o algarvio deu-se conta, não sem uma certa dose de surpresa, de que algo de anormal se passava à sua volta. Primeiro viu que não tinha a certeza do tempo que dormira: anos, séculos? Era bem possível. Amarrado de há muito à provincialidade destas mágicas terras, não deixava de sofrer um tremendo choque. Que diabo, havia razão para isso? Certamente que sim!

Vão os leitores desculpar-me por ter começado assim tão bruscamente estas linhas de hoje, sem ao menos ter tido a delicadeza de cumprimentá-los, depois dum tão longa ausência das páginas do «Povo Algarvio». Este silêncio impu-lo eu a mim mesmo, porque, como em todas as actividades a que o homem se dedica, também nesta de escrever para os jornais, apetece de vez em quando fazer uma pausa, não digo já para descansar, mas sim para coordenar ideias, rever o ca-

(Continua na 2.ª página)

## FOI SOLENEMENTE INAUGURADA EM FARO UMA DELEGAÇÃO DOS T.A.P.

Conforme havíamos já noticiado realizou-se em Faro, no passado dia 27, com toda a solenidade, o que constituiu um acontecimento de relevo regional, a inauguração de uma Delegação dos Transportes Aéreos Portugueses, na capital do Algarve. Para esse fim deslocou-se a esta província, em comboio especial, uma caravana de cerca de 80 pessoas, constituída na sua essência por altos funcionários dos T.A.P., tendo à frente o presidente do respectivo conselho de administração, sr. eng.º Vaz Pinto, e os administradores srs. Dr. Luís Forjaz Trigueiros e eng.ºs Duarte Calheiros e Mendes Barbosa. Convidados para tal fim vieram também na caravana os srs. Eng.º Esfegueira Mendes, director da

(Continua na 4.ª página)



## Mudança de Hora

Os relógios avançam na madrugada de hoje sessenta minutos estabelecendo-se assim a hora de Verão.

POR  
Torquato da Luz

## HOJE, REALIZA-SE O JURAMENTO DE BANDEIRA NO QUARTEL DE TAVIRA

Hoje, pelas 10 horas, no C.I.S.M.I. realiza-se a cerimónia da ractificação do Juramento de Bandeira dos instruídos do 1.º ciclo do 2.º turno de 1964/65, dos Cursos de Oficiais e Sargentos Milicianos, a qual se digna assistir o sr. Brigadeiro Comandante da 3.ª Região Militar, além de outras altas individualidades regionais e locais.

Estará portanto hoje em festa a família militar taviense.

Mais um Juramento de Bandeira, a que iremos assistir, cerimónia que se revestirá de todo o brilhantismo e da mais alta vibração patriótica.

Não podemos deixar de neste momento frisar o brio militar demonstrado pelos instruídos do C.I.S.M.I. nestes três meses de instrução, no seu convívio com a cidade.

É justo salientar a forma inteligente como tudo tem sido conduzido pelo ilustre director do Centro sr. Major Joaquim Francisco Rijo Cardeira da Silva, distinto oficial do nosso Exército que sabemos ter merecido as mais elogiosas referências de oficiais generais que têm visitado oficialmente o C.I.S.M.I.

Sem desejarmos ferir a sua peculiar modéstia aqui lhe expressamos muito sinceramente, pelos motivos apontados, as nossas felicitações.

## EM HOMENAGEM À POETISA VIRGÍNIA RAMOS POR SUA MORTE

A sombra se quedou. Para lá da sombra há luz e a luz se extinguiu para reaparecer para lá das visionárias aparências.

Senhora menina, modesta, sensata, de tão infantil ténpera como o trato dos Anjos.

Raia a madrugada tão tarde e no lago de esperanças lá se formou o viveiro de flores que eram os seus grandes amores, os donos de sua ternura maior.

(Continua na 4.ª página)

## «O ALGARVE»

Entrou no seu 57.º ano de publicação este nosso prezado colega, que se publica em Faro, dirigido pelo nosso velho e prezado amigo sr. Arthur Serrão e Silva.

Daqui lhe endereçamos um expressivo abraço de saudação com votos de longa vida para o seu jornal.

## CRONICA INCURAVEL

# A ÚLCERA DO «52»

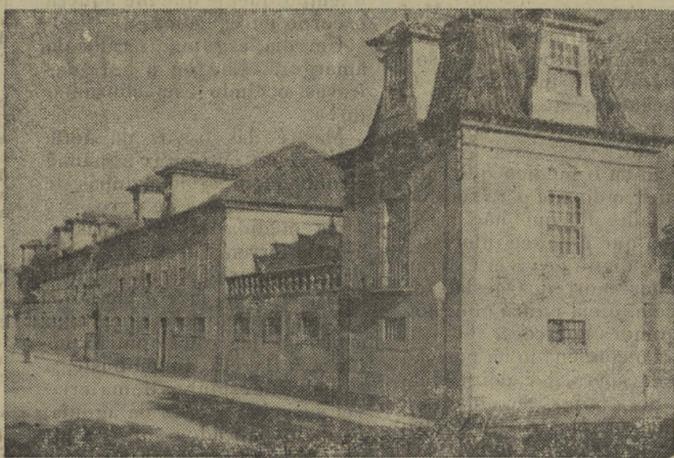
POR via de uma ordinária úlcera de terceira classe que nos era destinada, assim o cremos, mas que clinicamente nos deve ter saltado de qualquer POR  
Sebastião Leiria

## TROVA

A Cruz que o Rabbi abraça,  
Ao clamor do vitupério,  
É aurora de mistério,  
Num poente de desgraça.

Isidoro Pires

(Continua na 3.ª página)



Um aspecto da fachada do Quartel

## A SENTENÇA

A Ordem Franciscana é a da Compaixão. Cabe-lhe, por isso, a prioridade da celebração das cenas da Paixão. Acontece, deste modo, que vemos o Senhor a caminho do Calvário com a Cruz às costas, antes de O vemos entrar em Jerusalém, aos vivas e aplausos da arraia miúda.

Falta de sincronização que os tempos consagraram e que, se alguém pretendesse remediar, só conseguiria deitar por terra o pouco que resta de interesse público pela causa litúrgica, especialmente entre as classes rurícolas.

Esperamos, portanto, que, a preciosa imagem do Redentor, pertença dos Terceiros Franciscanos, mais uma vez percorra as ruas da cidade, entre jarrões e jarrões, figuração talvez dos saduceus e fariseus, lívidos de expectativa.

Representa-se, no auto que desdobra diante do povo, se não contrário, ao menos atento, a via sacra ou caminho da Cruz na rua da Amargura.

(Continua na 2.ª página)

## ACTIVIDADES DO GRUPO DE ESTUDOS GONÇALINOS

Está marcada para o próximo dia 10 do corrente mês de Abril a inauguração oficial das actividades do Grupo de Estudos Gonçalinos, instituição cultural com sede em Faro e delegações em Lisboa, Lagos, Torres Vedras, Barreiro e Moçambique, a que nos temos já referido várias vezes nestas colunas.

Para o efeito realizar-se-á uma sessão cultural no salão nobre da Junta Distrital de Faro, pelas 21 h. daquele dia, sob a presidência do sr. Bispo do Algarve e com a presença do sr. Governador Civil do Distrito.

Nessa sessão, o sócio do Grupo, sr. Dr. Joaquim Alberto Iria, ilustrado académico de número da Academia Portuguesa de História e Di-

(Continua na 3.ª página)

## «Jornal do Algarve»

Completo 8 anos de vida este nosso prezado colega, que se publica em Vila Real de Santo António, inteligentemente dirigido pelo distinto jornalista José Barão e que muito honra a nossa Imprensa Regional.

Por tal motivo endereçamos aquele nosso prezado amigo cordiais saudações que são extensivas a quantos naquela redacção trabalhavam com votos de prosperidades para o seu jornal.

## Câmara Municipal de Tavira CONVITE

A Câmara Municipal de Tavira convida toda a população da cidade a associar-se às festas da cerimónia do Juramento de Bandeira dos alunos dos cursos de Oficiais e Sargentos Milicianos de Infantaria, que têm lugar no dia 4 do corrente mês, pedindo aos habitantes dos prédios das ruas principais da cidade para colocarem colchas às respectivas janelas.

Tavira, 2 de Abril de 1965.

O Presidente da Câmara Municipal.  
Jorge Augusto Correia (Dr.)

## O Algarvio não pode alhear-se do que está a acontecer à sua volta

(Continuação da 1.ª página)

minho andado, os erros cometidos e, vamos lá... os frutos colhidos. Estes poucos serão, talvez, mas jadtante!

Proponho-me agora tecer algumas considerações sobre o alheamento a que os algarvios se votaram no que respeita ao que está a passar-se à sua volta. Não vou dizer que este alheamento é criminoso, que o não é efectivamente, mas ousou afirmar que o mesmo é, com toda a certeza, deveras lamentável.

E que as nossas terras estão hoje, a ser o alvo ambicionado da gula estrangeira e nós não podemos, em boa verdade ignorar este facto. Ele é autêntico, e por toda a parte encontramos provás a documentar a minha afirmação.

Pois não se está a fazer do chão algarvio o centro de exploração mais cobiçado da terra portuguesa? Pois não está a nossa terra a ser assaltada diariamente por centenas de estrangeiros que aqui buscam tantas vezes, a par de algum tempo de repouso, encontrar o campo propício para as suas explorações, tirando fruto de um desenvolvimento turístico no qual nós deveríamos, com toda a justiça, ser os mais beneficiados? Pois não é igualmente verdade que mais de noventa por cento dos hotéis, das estalagens, dos bares e das boites não pertencem aos algarvios e grande parte deles, têm estrangeiros a dirigí-los?

E quem tem a culpa disto? Quem tem a culpa de se estar a descaracterizar o Algarve, fazendo dele uma terra estrangeira? Quem é o culpado de, por exemplo, um hotel algarvio, situado no chão algarvio, responder em inglês a um turista nacional para lhe comunicar que não lhe pode reservar quarto?

Estas são algumas das perguntas que lanço hoje nestas colunas e para as quais também eu tenho as minhas respostas.

Em grande parte somos nós os culpados de tudo isto. Sim, nós, com a nossa preguiça secular, que estamos a deixar-nos ludibriar pela estranha que nos explora. Deve-se dizer que, antes de se iniciar a grande campanha para a exploração do turismo algarvio, nada se organizou, nada se previu, tudo foi literalmente feito ao acaso, como se este pudesse realmente resolver alguma coisa. E hoje estamos perante milhares de problemas que nos afligem.

Não falo já tanto das transacções de terrenos, essa negociação vergonhosa a que todos temos assistido impávidos, sem nos darmos conta de que isso representa uma afluência desvalorização da nossa moeda.

Deixo também para trás o facto de a hotelaria algarvia estar entregue a mãos estranhas deslocadas e desconhecedoras da realidade algarvia, da tradição algarvia, dos interesses algarvios.

Lamento, sim, o espectáculo a que todos temos vindo a assistir, de mãos nos bolsos, nos últimos anos. Hoje, quarenta escudos de carne representam menos carne, cinco escudos de pão representam menos pão, cem contos de terreno representam menos terreno. Mas as nossas bolsas continuam a ver entrar há cinco, há dez anos, a mesma quantia de dinheiro, angustiosamente impotentes para pôr um travão ao mal que avança, que se torna cada dia mais complicado.

Evidentemente que o turismo é um bem. Mas nunca será um bem para nós se continuarmos dormindo, se não acordarmos de vez, se continuarmos alheados do que se passa à nossa volta.

É preciso que nos conscienci-

alizemos do que é a exploração turística, dos frutos que para nós podemos colher dela, evitando assim que os estrangeiros, aqueles que nunca amaram o Algarve e jamais viveram os seus problemas, vão enchendo os bolsos à custa daquilo que é nosso, daquilo que por direito nos pertence.

Eles vão chegar. Eles, os turistas. Virão de avião, de automóvel, de comboio. Terão partido da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos ou da Alemanha, pouco importa. Invadirão os nossos mercados, os nossos restaurantes, os nossos parques de campismo. Farão escassear os géneros alimentícios, originarão uma subida nos seus preços.

Pois é isto que é preciso prever, E nós, lamentavelmente, não prevemos nada. Nós ainda não acordámos de vez.

## D. Virgínia Ramos

(Continuação da 1.ª página)

tou os imarcessíveis tesouros dum coração sedento de se dedicar.

Viveu em plenitude o desgosto da sua viuvez, aliado à missão de mãe carinhosíssima.

Hoje, este filho que cresceu é o Tenente-Coronel Joviano Chaves Ramos casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Dias Ramos, com o ranchoinho dos seus filhos, dos quais a mais nova tinha o seu nome e era afilhada dos seus enlevos, encham de de alegria a alma da bondosa senhora.

Era irmã da sr.ª D. Isabel Chaves Guimarães, viúva do Coronel João Guimarães, antigo professor do Colégio Militar e tão justamente considerado tavricense; cunhada da sr.ª D. Julieta Soares Ramos Palma, casada com o distinto médico sr. Dr. Augusto Carlos da Palma, do sr. Dr. Zózimo Ramos, já falecido e da sr.ª D. Irene Soares Ramos. Era ainda tia dos srs. Eng.º Herculano de Carvalho, Director do I. S. T., casado com a sr.ª D. Amélia Brito de Carvalho, Dr. Alfredo de Carvalho, Dr. João Chaves Guimarães, Eng.º António Chaves Guimarães, e sr. Carlos Ramos Palma e da menina Maria de Fátima Ramos Rodrigues.

A toda a família enlutada apresentamos os nossos sentidos pésames.

A poetisa D. Virgínia Guimarães Chaves Ramos era senhora das mais excelsas qualidades de coração,

Os pobres, os presos, os doentes, todos os que careciam carinho moral ou amparo material encontravam nesta senhora uma fonte de conforto e um desejo de bem fazer que superavam muitas vezes os limites de resistência das suas forças físicas.

O ano passado, não por vaidade própria, mas pelo desejo de auxiliar o «Lar da Criança», reuniu uma colecção dos seus delicados versos, repassados de terno e lírico sabor e simplicidade, e com eles publicou um pequeno volume «Sol-Pôr», que em breve se esgotou e reverteu por inteiro a favor das crianças pobres.

Damos a seguir à estampa três quadras do livro de versos «Sol-Pôr»:

*Ser alegre, andar contente,  
É uma graça do Céu!  
Para tanto basta a gente  
Aceitar o que Deus deu.*

*O sono nos lembra a morte,  
O silêncio... o seu mistério,  
Qual será a nossa sorte  
A sombra dum cemitério?!*

*O tempo corre, não cansa;  
Mas, por mil vidas que houvera,  
perduraria a lembrança  
Duma amizade sincera.*

Não quis o destino que chegasse a ver, na presente ano, o livro em preparação a que, por estranha intuição destinava o título de «Crepúsculo».

O renascimento católico da cidade, o apostolado rural da Sr. da Saúde, devem a esta senhora e a sua família, os mais dedicados e valiosos auxílios, pela maior parte bem escondidos, mas que o Deus da bondade que tanto amou e serviu não deixará de compensar na Vida, para além da vida que tanto queria viver.

## Agradecimento

Severiano Martins Ferro

A família de Severiano Martins Ferro na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, e bem assim, a todos que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

## A SENTENÇA

(Continuação da 1.ª página)

Essa Cruz, se em substância se não assemelha à dos outros homens, identifica-se com a de todos nós, pelo menos em alegoria.

Todos levamos a nossa cruz de amargura ao calvário da decadência e da morte.

Em Cristo, a cruz é perdão. No homem, sofrimento e ascese.

Como Cristo, sem os méritos divinos, já se vê, todo o homem escreveu uma palavra de vida no chão poeirento do mundo.

A doença, ou um acidente súbito, aí está Judas a colar o selo da ignominia. Ei-lo preso, no horto da vida. Doente, ou ferido, levam-no ao pretório da medicina.

Como Pilatos, o médico compece-se e procura evitar a morte. Recorre ao flagro do tratamento: a injeção, a ablação, as mil e variados suplicios que os inquisidores esqueceram.

A multidão ululante dos inimigos da vida, infinitamente pequenos e poderosos, exigem a sentença à pena última.

E, vencido, o representante do supremo poder da ciência, pronuncia a sentença de morte.

Talvez a escreva só no pergaminho branco do seu entender e a feche no cofre do seu bom coração.

Ninguém mais o ouviu. Mas o mundo é curioso. A lista dos medicamentos encontra-se sob o domínio de inquirições. O farmacêutico, ele próprio, sofre o questionário mais atrido e cerrado.

Há ainda o médico que sabe preparar o doente para receber a verdade. Porque não há-de saber o que é de seu interesse? Quem é digno de viver é digno de saber morrer. Questão de coragem, e ela nunca minguou aos grandes corações.

Fica o condenado na posição do que espera a cadeira eléctrica. Será hoje? Será daqui a seis meses? Dentro de quatro anos? Entretanto, poderá ser comutada a sentença... Uma sedição às leis da Natureza pode obter o milagre e basta uma hora de alívio para surgirem as mais belas miragens de esperança.

Pede-se o milagre. Já tem vindo, em tais e tais ocasiões. Mas se os milagres fossem frequentes, deixariam de ser milagres. Além de que não os conseguem os que mais merecem, nem os que mais carecem.

Vêm quando vêm, como ave que atravessa o céu do mar tempestuoso, sem porquê nem para quê.

No médico, o doente vê o seu Cireneu, na enfermeira, a Verónica, e ainda se extasia ouvindo um belo trecho de música, lendo uma bela página, escutando uma criança que sabe rir, ou admirando o sol dum dia lindo. Toma disposições e finda os seus dias em dignidade e beleza, a dignidade e a beleza de que usou em toda a vida.

Mas há o pior: Vendaram-se, como a Cristo, os olhos do doente, e, ainda mais, taparam-lhe os ouvidos.

O médico escreveu a sentença e deu a ler aos seus íntimos que têm por sua vez outros íntimos.

Como um incêndio que lavra no restolho, espalhou-se a notícia entre o público e o mundo apurou toda a acuidade auditiva para saber a novidade. Só o pobre condenado, igno-

## Agradecimento

Os filhos e netos de Gertrudes Silveira Canau, não podendo fazê-lo pessoalmente vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

rante e precintado de mentiras, passeia ufano e descuidado, de mãos nas algibeiras, encantado com a amabilidade de todo o mundo.

No secreto do seu coração, crendo os seus males passageiras impertinências, preenche as horas de ócio nos mais risinhos projectos. Ele pensa em comprar um prédio, passeia deante das montas escolhendo a prenda que ha-de oferecer à filha, quando esta completar o curso, poupa o sobretudo e as botas novas, que têm de durar muitos invernos, à maneira como a vida está...

«A volta, pelas costas, quanto to esgar de comiserção!»

E certo fulano aferrolha mais uma nota, pensando na aquisição dos bens que hão-de ir à praça, se não tem herdeiros; outros ensaiam-se para chamar a brasa a sua sardinha, por uma tuta e meia, se os herdeiros não estão habituados à administração de imóveis. Entre si, os sobreditos herdeiros olham-se com desconfiança felina, avaliando o valor dos móveis e imóveis, inquirindo das acções e depósitos, cobiçando o relógio, o colar, as velharias que são valiosas, o bragal, a oficina, a loja...

E o doente espera, sempre iludido, o fim do verão que o refresque das temperaturas altas e das noites sufocantes, ou o tempo quente que lhe aqueça o corpo enregelado.

Um dia, esgotou o cálix da amargura. Chegou a hora das trevas, o «tudo está consumado!»

Mas é das trevas da noite mais densa que surge a manhã risonha com as mãozinhas de rosa e os cabelos de ouro.

Na medida da sua angustia, apenas terrena, terá, desmedida, a participação das alegrias de Deus, face a face,

Então concordará que valeu a pena o flagro da opinião pública, o flagelo do embuste, a grinalda de espinhos dum terrível suspeita, a cruz da agonia, os dados lançados sobre a túnica dos bens que à custa de limitações conservou ou adquiriu, a pedra rolante que, sobre o seu desaparecimento, arrumaram e selaram quantos na vida estimou e agora lhe malbaratam os bens.

Semelhante aos homens Deus se fez, levando a cruz, para que, semelhantes a Deus na ressurreição, O tenham, face a face, e sem crepúsculo nem cruz.

## Sebastião Leiria

Com feliz resultado foi submetido em Lisboa a uma intervenção cirúrgica, conforme notificamos, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Sebastião Baptista Leiria que, segundo notícias dele recebidas, deverá ter alta hoje.

Fazemos votos pelo seu breve regresso ao lar e pelo rápido e completo restabelecimento.

## Informações fiscais

**Livros de escrita dos contribuintes do grupo B** — Estes livros (compras e vendas) conforme dispõem os artigos 133.º e 134.º do respectivo Código, deverão estar escriturados de forma a não sofrerem atrasos superiores a 90 dias sob pena de multa que vai de 200\$00 a 10 000\$00.

**Imposto Profissional** — Decorre de 1 a 15 de Abril o prazo da reclamação da fixação do rendimento colectável para a comissão distrital (art. 15.º do código).

**Imposto s/a Indústria Agrícola** — As pessoas que tenham estabelecido explorações agrícolas, silvícolas ou pecuárias em prédios cujo rendimento colectável totalize mais de 25 000\$00, devem apresentar até 15 de Abril, uma declaração modelo 133, na Repartição de Finanças da sede, nos termos do art. 329.º do respectivo Código.

**Taxa Militar** — Durante os meses de Abril e Maio deve realizar-se o pagamento voluntário da taxa Militar. A partir deste último mês o pagamento será efectuado em dobro.

Durante este mês os mancebos de que conste nas actas das reuniões das juntas de recrutamento que são inaptos para o trabalho e para angariar meios de subsistência e não paguem qualquer contribuição ao Estado, devem apresentar na Repartição de Finanças da área da residência, a declaração m/4.

**Declaração m/3** — Os contribuintes da contribuição Industrial Grupo B deverão apresentar até ao dia 15 de Abril próximo, a declaração modelo n.º 3, em duplicado, relativamente ao conjunto das actividades exercidas durante o ano de 1964.

Esta declaração deverá ser entregue na repartição de Finanças onde o contribuinte tiver o estabelecimento principal ou a sede, conforme se trate de pessoa singular ou colectiva. Na falta de estabelecimento, será apresentada na Repartição de Finanças do concelho em que tiver o seu domicílio.

No caso de possuir filiais, sucursais, agências, delegações, qualquer outra forma de representação permanente ou instalações comerciais ou industriais situadas em concelho ou bairro diferentes dos do estabelecimento principal ou da sede, apresentar-se-á também a respectiva declaração em triplicado nas Repartições de Finanças de cada um deles, mas somente em relação às actividades aí exercidas.

ESTE SEMANÁRIO  
É TRANSPORTADO  
PARA TODO O PAÍS  
NOS COMBOIOS DA



## HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO  
ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

## Óptima Colocação de Capitais

VENDA DE PROPRIEDADES

NA FONTE SALGADA — (Tavira)

No próximo sábado, dia 10 de Abril, pelas 16 horas, serão vendidos no local acima indicado, um prédio mixto e um prédio rústico, com a área total aproximada de 115 000 m2. em obediência a um despacho do Meretíssimo Juiz do 2.º Juízo Civil da Comarca de Lisboa, em processo de inventário obrigatório, por óbito de D. Maria do Rosário Delmira de Almeida Garrido.

Os prédios estão inscritos na matriz predial sob os n.º 3745 e 1248. descrição n.º 6 990 da Conservatória do Registo Predial de Tavira.

Os prédios com situação privilegiada e bela vista para o mar e para a serra, da sua sua ampla casa de habitação, são servidos por boa estrada e distam apenas cerca de 3 kms. do novo desvio (em construção) em TAVIRA (Porta Nova), da estrada nacional FARO — VILA REAL

ALFÂNDEGA DE LISBOA

EDITAL

1.ª Publicação

Faz-se público que nos dias 12 e 13 do próximo mês de Abril, pelas 10 horas, no Posto Fiscal de Quatro Águas, será iniciada a venda em hasta pública dos salvados do hiate motor holandês «BLAK ROSE» a seguir designados: motores, correntes, velas, mastros, um aparelho receptor-emissor, guinchos, um bote e outros que serão presentes no acto do leilão. Todos os lotes podem ser examinados nos dias 8 e 9 das 9 às 12 horas no acima referido local. Os arrematantes que serão identificados pelo respectivo bilhete de identidade, quando adquirirem mercadorias que se destinem a comércio, têm de apresentar o conhecimento da Contribuição Industrial. As condições da praça serão anunciadas na abertura da mesma.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume, e também publicados em jornais desta província.

Posto de Despacho de Tavira, 31 de Março de 1965.

O Chefe

Carlos Jerónimo Vizeto  
Guerreiro

A Úlcera do «52»

(Continuação da 1.ª página)

mo doentio de brandões amarelos fumando negro, de crepes, de prantos desencorajando quem parte e arrepiando quem fica, — também não é disto que vamos falar, não senhor, embora muito de curioso houvesse para dizer.

O que nos arrasta a estas linhas é algo de mais grave; peso de esmagante responsabilidade; revelação iluminada que urge propalar aos quatro ventos, dado o que de promotor nela se vislumbra para a mártir e mesquinha humanidade.

Trata-se na verdade do caso de úlcera gástrica do doente «52», que passamos a narrar sem rodeios e o melhor que nos for possível.

Este «52», funcionário activo não sei de que organismo de coordenação, ficava no fim da sala e já estava operado quando entramos. Rapaz de ossatura forte, pele fraca, isto é, magra, voz forte, cabelo magro, isto é, fraco, cabeça quadrada, tirava coisas de dentro daquela cabeça que até parecia mentira. Dias antes de sair até conseguiu tirar de dentro de um ouvido um pedaço de algodão verde, de uma «cura» em Santa Rita, havia mais de vinte e cinco anos.

Por todos estes brilhantes atributos, além de outros, o Genistal, — tal o nome do «52»

— fez uma carreira brilhante de doente. Cedo pulou em baixo da cama articulada e, como um meteoro, não tardou em sair da órbita hospitalar, deixando-nos cheios de invejas e de imarcescíveis saudades.

A primeira vista parece tratar-se de um caso vulgaríssimo de Lineu, até em segunda mão, mas havia na verdade uma força misteriosa oculta em tudo aquilo; que estava na base de tudo aquilo; que provocou tudo aquilo e até a esfuziante felicidade que lhe escorria dos poros. E havia essa força que nós o sabemos. Ele contou-nos em segredo mas contou.

Foi no dia em que nos veio dizer adeus.

Encontrávamo-nos matutando profundamente na doce possibilidade de as baratas grandes nos comerem alguns daqueles negregados processos que deixamos da Secretaria e nos têm posto cabelos brancos, quando ele surgiu para se despedir.

Você, que já está operado, não se sente verdadeiramente feliz? perguntou à queima roupa.

Feliz? admiramos nós sentindo o fecho éclair dos agrafes arrempanhar-nos dolorosamente a boca do estômago.

Pois eu sinto-me, retorquiu. E ao ouvido acrescentou em tom de triunfo: fui aumentado dois terços no meu vencimento.

Dois terços como? berramos nós que escrupulosamente até já compramos óculos para não nos escapar nada que se ligue com aumentos, sem que isso melhorasse nada.

Não é nada disso que você pensa, voltou ele num sorriso significativamente triste, ao passo que me mergulhava no banho lustral do seu maravilhoso raciocínio e no segredo desta crónica, explicando o fenómeno nestas palavras:

Como o camarada sabe, — camarada aqui não é «camarada», note-se —, o que nos leva hoje o dinheirinho todo é cá a barriga.

Concordamos de cabeça vendendo-lhe os sapatos e o fato na última, e ele prosseguiu:

O meu operador garantiu-me que me deixou apenas um terço do estômago pois o resto foi fóra, com a úlcera. Desta forma, passando daqui em diante a comer apenas a terça parte do que comia dantes, vão sobrar-me dois terços do ordenado, equivalendo isso ao aumento de que lhe falei. Compreende?

Era o segredo!!! Causa de todo o seu elan!!!

E afastou-se sorrindo, saltitante, acenando, deixando-nos perplexos, varados, ao passo que lhe ficava um tacão do sapato no meio da enfermaria. Que coisa!!!

A lógica dele férrea e irresponsável trazia uma solução. Tivemos de engulir.

Não temos nós infelizmente autoridade para aconselhar a dessiminação da úlcera gástrica em grande plano, mas do que não restam dúvidas nenhuma é de que por aquele caminho, a exemplo do Genistal, com os estômagos reduzidos à terça parte já mais se ouviria falar em porcarias de aumentos, já chegando, e muito bem, o aumento de porcarias que por aí vai.

Isto, quanto a nós, salvo o devido respeito tem grandeza,

NECROLOGIA

Joaquim Correia Pacheco Dourado

Faleceu na Luz de Tavira, onde residia o sr. José Correia Pacheco Dourado, proprietário, viúvo, com 79 anos de idade.

O falecido era pai do sr. José António Correia Dourado, secretário de Finanças em Alcoutim e sogro da sr.ª D. Maria José Estrela Rosendo Correia Dourado, professora do ensino primário nesta cidade.

Daniel Gregório de Mendonça Viegas

Vítima de um lamentável desastre ocorrido quando seguiu em bicicleta motorizada de Conceição para Vila Real de Santo António, na tarde do passado dia 28, teve morte instantânea o jovem Daniel Gregório de Mendonça Viegas, de 17 anos de idade, filho do sr. Bernardino José Viegas e da sr.ª D. Maria Florêncio Mendonça, residente no sítio do Almargem.

O trágico desastre provocou profunda emoção nas pessoas do conhecimento do falecido e da família.

O seu funeral que se efectuou na tarde do passado dia 30 em auto-funerário saindo de Vila Real de Sto. António foi uma profunda manifestação de pesar.

António Patrocínio de Mendonça

Faleceu no dia 8 de Março no sítio do Bernardinho, o sr. António Patrocínio de Mendonça, de 79 anos, casado, proprietário.

Era pai do sr. Paulino de Mendonça Gago, residente em Mafra, 1.º sargento do exército e da Sr.ª D. Patrocínia Celeste de Mendonça residente no sítio do Pinheiro.

Era sogro da sr.ª D. Maria Rita Palmeira Massena Gago e do sr. Manuel Correia de Freitas.

FUTEBOL

Resultados de domingo passado a contar para o campeonato nacional da 2.ª Divisão (Zona Sul):

Montijo 3 — Olhanense 1  
Portimonense 0 — Barreirense 1  
Farense 1 — Almada 1

Como os resultados indicam os clubes algarvios tiveram uma tarde cinzenta. Enquanto o «leader» conheceu a derrota frente ao «lanterna vermelha» e o Portimonense não conseguiu ir além de uma derrota tangencial, em Faro, os «leões» locais não foram felizes na construção do resultado. O empate alcançado não resolve o problema aflitivo da equipa algarvia, agora isolada no fundo da tabela.

Jogos para hoje:

Sintrense — Olhanense  
Farense — Montijo  
Leões — Portimonense  
Barreirense — Alhandra

TOTOBOLA

31.ª jornada 11/4/65

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1 Torreense — Porto . . . 2
2 Belenenses — Setúbal . . x
3 Saragoça — Barcelona . . 1
4 Oviedo — Corunha . . . 1
5 Espanhol — Sevilha . . . 1
6 Bétis — Las Palmas . . . x
7 Valência — A. Madrid . . x
8 Elche — Múrcia . . . 1
9 Cagliari — Fiorentina . . x
10 Génova — Roma . . . 1
11 Lanerossi — Inter . . . 2
12 Lazio — Juventus . . . x
13 Messina — Atalanta . . 2

Jorge Cruz

Estudos Gonçalves

(Continuação da 1.ª página)

rector do Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, pronunciará uma conferência intitulada: A Santidade de um plebeu do Algarve ao serviço de Deus, da Pátria e do Rei».

A entrada far-se-á mediante a apresentação de cartões de ingresso que podem ser solicitados na sede do Grupo, - Rua Aboim Ascensão, 30, em Faro.

profundidade, e merece ponderação séria e lata, principalmente lata. Veremos.

LAGOS

Retratada

A Reconversão Agrária Algarvia

O «Povo Algarvio», tem publica do, ultimamente, desenvolvida e muito criteriosa exposição de grandes verdades, respeitante aos imensos problemas existentes na nossa Lavoura e as dificuldades provocadas pela corrida dos nossos trabalhadores rurais para o estrangeiro, cujos braços significam a nossa principal riqueza, indispensável à nossa vida de portugueses.

Pertence à pena culta do sr. Dr. António de Sousa Pontes, essa dita exposição. Ele sabe encetar os problemas da nossa Lavoura, com o verdadeiro critério que lhe caracteriza, o qual lhe dá grande e irrefutável autoridade.

O Exodo das Populações Rurais

Também este jornal inseriu um artigo, não assinado, onde o seu autor vincula a sua grande fé no melhoramento da situação económica-Social do trabalhador rural, salientando a origem diversa do seu afastamento para as cidades, o que nós não podemos concordar em alguns pontos.

Não podemos concordar porque vivemos grande parte da nossa vida em contacto com o meio Agrícola, inteirando-nos de todos os seus problemas, inclusive a origem principal das suas corridas para as cidades.

Pelo menos, no Algarve, e até esses que abalam do Alentejo, não é o trabalho que foge do campo, não é apenas porque encontra maior salário no comércio e na indústria, nem porque encontra melhores condições de vida económica, mas sim porque nas cidades encontra uma disciplina de acção de trabalho e felicidade que não observa no campo.

E é neste ponto que se firma a nossa discordância. O trabalhador rural algarvio, não gosta de disciplina de espécie alguma; ele nasceu e cresceu envolvido em uma disciplina frouxa. Os pais, transmitem aos filhos a mesma liberdade de acção que também receberam da mesma forma. Todos eles foram criados à base de uma filosofia natural, espontânea, fazendo, todos eles, aquilo que muito bem entendem. E aí, do patrão que lhes faça a mais incorrecta observação, ao reconhecer-se prejudicado: desaba logo a todo o mundo!

O trabalhador rural foge do campo e vai viver na cidade, única e simplesmente, por motivos de ordem económica. Ele sacrifica a sua liberdade de acção pela disciplina de um trabalho diferente daqueles que, fora ensinado por seus pais, porque esse trabalho agora é mais leve e mais bem pago. Além disso, sua mulher, pode trabalhar também na cidade, recebendo muito maiores férias do que aquelas que ela recebia com o trabalho no campo.

Quem é que não sabe que o trabalho agrícola é duro, muito mais duro do que o de servente de pedreiro ou de qualquer outra indústria?

Depois das 17 horas, qualquer servente de pedreiro ou trabalhador da indústria conserveira, parece um «doutor»... Enquanto os camponês, muitos deles, ao chegar o inverno, de Janeiro a Abril, é um caso muito sério, até que apareça alguma fava «ataloadas»...

Para se discernir sobre qualquer campo, é preciso ter o verdadeiro conhecimento de causa.

Uma Grande Inconsciência!

O peixe e os mariscos do nosso rio sabem mal!

É que, das fábricas de conserva, dos barcos fundeados na baía ou no mesmo rio, fazem despejos de resíduos de gásóleo e de outras porcarias, as quais envenenam o peixe e os mariscos. Não basta já o preço elevado do peixe, senão ainda por cima, as pessoas não o podem comer, devido ao mau sabor do dito combustível.

As disposições das capitânias são bem claras nesse sentido, mas os inconscientes lançam ao mar toda a porcaria que eles entendem! Se tudo isso fosse feito ao largo, admita-se; mas fundeados na baía ou no rio, é rigorosamente proibido.

Em Inglaterra e noutros países, sofrem grandes multas os barcos que praticarem tais abusos.

Também, nas nossas praias, se nota grande quantidade de derivados desse combustível, ou de alcatrão, os quais empoçalham o pobre ente que tiver a infeliz ideia de passear pelas praias, especialmente na Meia-Praia!

Não haverá maneira de localizar os autores de tais abusos e procurar que eles se tornem menos inconscientes?

Manuel Geraldo

**Propriedades Rústicas no Algarve**  
(A 7 Kms. da Praia de Tavira)  
**LEILÃO JUDICIAL**  
Dia 10, às 16 horas

Por determinação do Meretíssimo Juiz de Direito do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de inventário obrigatório a que se procede por óbito de D. Maria do Rosário Delmira de Almeida Garrido, serão postas em praça, nos próprios locais, as propriedades abaixo indicadas:

- Prédio rústico e urbano na Fonte Salgada, concelho de Tavira, inscrito na matriz predial sob o art.º 3745 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 6990.
- Prédio rústico na Fonte Salgada, concelho de Tavira, inscrito na matriz predial da freguesia de Santa Maria sob o art.º 1248.

**A LEILOEIRA, LDA.**  
Avenida 5 de Outubro, 23-1.º — LISBOA — Telfs. 4 59 34-4 62 59

Câmara Municipal de Tavira  
EDITAL

Pavimentação de arruamentos em Tavira 6.ª fase — Rua D. Marcelino Franco

Torna-se público que, conforme deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 22 do corrente mês, se encontra aberto concurso público para a empreitada da obra de «PAVIMENTAÇÃO DE ARRUAMENTOS EM TAVIRA — 6.ª fase — Rua D. Marcelino Franco», cuja adjudicação será feita na reunião de 20 de Abril próximo.

A base de licitação é de 65 517\$00, devendo os concorrentes instruírem as suas propostas nos termos do respectivo programa e entregá-las na secretaria desta Câmara Municipal até às 14 horas do dia marcado para o concurso.

O projecto e demais elementos respeitantes à empreitada em epígrafe, acham-se patentes ao público na Repartição Técnica desta Câmara Municipal, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório é de Esc. 1 638\$00.

Tavira e Paços do Concelho, 29 de Março de 1965.

O Presidente da Câmara,

Jorge Augusto Correia (Dr.)

As terras não são todas iguais. A adubação que pode dar bem numa, pode dar mal noutra para uma mesma cultura. Procure saber o que faz. NITRATOS DE PORTUGAL, únicos produtores de

NITRATO DE CÁLCIO, NITROLUSAL E NITRAPOR

pelos seus Serviços Agronómicos — Rua dos Navegantes, 53-2.º — LISBOA,

enviam-lhe a seu pedido embalagens para amostras de terras que depois

analisam para lhe dar uma informação valiosa e de graça.

# HISTÓRIA MITOLÓGICA

É DIFÍCIL a qualquer mortal entrar no segredo dos Deuses. Mas a história que vamos relatar, verdadeira segundo velhos pergaminhos encontrados numa arca da minha trisavó, passou-se com as divindades da antigüíssima mitologia grega.

Saturados da vida monótona da Península dos Balkans e dos banhos no Egeu, o supremo Júpiter, pai de toda a geração de Deuses que habitaram o Olimpo, encarregou certo dia o seu procurador de escolher na superfície terrestre um lugar onde pudesse gozar umas prolongadas férias, com toda a família.

E foi assim que uma pequena cidade, algures situada numa província onde o sol é eterno, passou a ser residência de veraneio da grande família mitológica.

Nos primeiros tempos a vida correu maravilhosamente para todos. Os deuses pouco ou nada ligavam aos habitantes da região e a sua única preocupação era usufruir do descanso que seu Pai lhes havia proporcionado em terra tão bela. Aliás Júpiter, antes de partir do Olimpo, havia convocado todos os seus filhos para lhes comunicar o desagrado e o desgosto que sentiria se eles se metessem na vida do povo pacífico daquela bela terra da província do Alga-Arbo.

Mas os deuses sempre fizeram das suas. E se a princípio respeitaram a vontade de Júpiter, quando o tédio chegou — o que acontece quando se vive algum tempo sem nada fazer — começaram a magiar uma série de «diabruras», de que eram vítimas os naturais. E, sempre que apanhavam o Pai Deus no Olimpo passando pelas «brasas», depois dum bela almoçarada na companhia de seu filho Baco, as Musas, os Satyros, as Sereias e os Deuses filhos trataram logo de armar cada sarilho aos habitantes de Tabriga (assim se chamava a cidade em causa) que acabavam sempre em discórdias e amos.

A história que vamos pois, contar, começou num desses dias primaveris de sol brilhante e criador. Júpiter, acompanhado por uns amigos, fora visitar uma «tasca» nos arredores da cidade, denominada «Espianada do Encalho» onde, segundo dizia seu filho Raco, havia uma pinga digna da sua mesa. Na verdade, o néctar era de tal ordem e os cascabelos estavam tão apetitosos que ele, após o repasto, se deixou ficar nos braços de seu filho Morfeu, deus do sono, por um período grande de tempo.

Apanhando seu pai a dormir, Terpsicore, musa da dança e canto, que nessa altura andava de amores clandestinos com seu primo Orfeu, eloquente cantor e filho de Apolo, partiram às escondidas para uma passeata. Já no regresso Terpsicore mostrou grande interesse em conhecer, entre os mortais, o meio artístico da cidade.

Foi assim que um aspirante a cantor, cuja intuição para o canto não era grande mas que pela força de vontade havia chegado às finais de um concurso onde se procuravam «estrelas», foi apresentado à divina.

Terpsicore simpaticou logo à primeira vista com o rapaz. E sob a sua protecção a musa aconselhou-o a organizar uma orquestra que ela apadrinharia e faria brilhar com o seu poder divino. Então nasceu a orquestra Terpsicore da cidade de Tabriga.

Os favores que desde então a musa Terpsicore passou a dispensar ao mortal cantor começaram a despertar ciúmes ao eloquente Orfeu. Este, como nada podia fazer contra a vontade e o poder de Terpsicore, pensou então recorrer à ajuda de um outro deus muito seu companheiro.

Estavam Esculápio, deus da medicina, e Euterpe, musa da música, sentados num dos jardins criados por sua irmã Flora, deusa das flores, quando Orfeu se aproximou e lhes contou toda a história. Esculápio, que viu oportunidade de pôr em acção o seu espírito de partidista, esfregou as mãos de contente e prometeu a Orfeu arranjar um «enrolinho» para envolver o pobre do cantor.

Depois de conversar com Euterpe, esta foi da opinião que o melhor seria organizarem outra orquestra que rivalizasse com aquela, a qual seria superior pois contaria com a ajuda de duas divindades. Posto isto, o deus da medicina, que já conhecia um mortal que era doutor e tocava trompeta, procurou-o e expôs-lhe a sua vontade, prontamente aceite por este e por um compadre seu, homónimo, que igualmente era um «barrá» em instrumento de sopra.

E assim se deu início a um período de grande rivalidade entre duas orquestras recém-criadas e protegidas por duas divinas musas: Euterpe, musa da música e Terpsicore, musa da dança e do canto. O pior é que por detrás de tudo, e sem os outros sabermos, estava Melpómene, musa da intriga e da tragédia, que ia dando ao assunto um cariz de ódio entre os músicos das duas orquestras de Talabriga.

Quando Terpsicore deu pela tragédia ficou deveras amuada e procurou com a influência das suas outras irmãs e outros deuses que dela gostavam, encontrar uma solução amigável para o caso. Esculápio acabou por concordar e então em reunião de deuses e musas ficou resolvido fundir as duas orquestras, pondo de lado a «escumalha» e reunindo o cantor, protegido de Terpsicore, com os compadres protegidos de Euterpe e Esculápio. Assim, apareceu depois o que chamariam a orquestra Talabriguina.

A história, porém, não ficaria por aqui. Melpómene, a musa da tragédia não ficara satisfeita e andava constantemente a «picar» sua irmã Terpsicore, dizendo-lhe que aquelas orquestras já estavam antiquadas e que o cantor, seu protegido, deveria fazer parte de um conjunto moderno, composto por instrumentos de corda. E tanto insistiu que Terpsicore resolveu ir pedir a protecção de Júpiter para o futuro do cantor.

Assim que o pai acordou do sono que lhe proporcionara a tal faustosa almoçarada, Terpsicore pô-lo ao corrente de tudo que se passava. De inf-

cio Júpiter ficou mal humorado e prometeu acabar com as orquestras; mas aos insistentes rogos da filha predilecta acabou por prometer interessar-se pelo rapaz.

O resultado é que o cantor passou a fazer parte de um belo conjunto de cordas — que até tem piano — não obstante a raiva dos seus compadres homónimos e de todos os deuses e musas, seus protectores, que nada podem contra o omnipotente poder de Júpiter, o todo poderoso.

«Filho»



**REALIZAM-SE** no dia 20 do corrente mês, os concursos públicos para as empreitadas das seguintes obras:

Reparação da Rua D. Marcelino Franco, em Tavira; Beneficiação de Fontes Públicas no concelho.

**CONTINUAM** em execução e em fase adiantada os trabalhos das seguintes obras:

Rua Álvares Botelho; Rua do Salto; Ruas de Acesso ao Alto de Santa Maria; Caminho Municipal de Bernardino; Caminho de ligação entre Tavira e Cachopo.

**ESTA** em estudo o abastecimento domiciliário de água à povoação de Santa Suzia.

**A** obra do abastecimento de água às povoações de Conceição e Cabanas, inclui o fornecimento domiciliário de Cabanas.

**ENCONTRA-SE** a pagamento nesta Câmara, durante Abril e Maio, o imposto de comércio e indústria.

**TERMINA** no fim do corrente mês, o recebimento das declarações para o imposto de incêndios.



**Misericórdia de Tavira** — Serviços Clínicos para o mês de Abril de 1965.

**Enfermarias** — Drs. Moraes Simão e Ramos Passos.

**Consulta Externa** — De 1 a 15, Dr. Moraes Simão, às 17 horas. De 16 a 30, Dr. Ramos Passos, às 17 h.

**Aos domingos e dias feriados** não há consulta.

**Consulta Dispensário do I. A. N. T.** — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, às 17 horas. De 16 a 30, Dr. Moraes Simão, às 17 horas.

**Clirurgia Geral** — Consulta em 3 e 17, Drs. Renato Graça e José João Vila Lobos.

**Profilaxia Mental** — Consulta em 24, Dr. Manuel da Silva às 15 h.

**Oftalmologia** — Consultas em 2, 9, 16, 23 e 30, Dr. Emilio Campos Coroa, às 11 horas.

**Farmácia de serviço** — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Montepio.

## Cinema Santo António

### FARO

Hoje, pela hora moderna, em matinée às 15.30 e soirée às 21, *A Casta Susana*, Marujita Dias, rival de Sara Montiel, 17 anos.

Terça-feira, *Luta de Gigantes e Triunfo Cigano*, 12 anos.

Quarta-feira, em espectáculo elegante, *Sua Ex.ª o Mordomo*, com Jean Gabin e *O Crime do Dr. Crippen* (ambos estreia), 17 anos.

Quinta-feira, *Fla e os seus Maridos* (colorido) com Shirley Mac Laine e Paul Newman e os *7 Ladões*, 17 anos.

Sexta-feira, *Como se conquista um sogro e Fabricantes do medo*, 12 anos.

Sábado, de tarde e à noite, *Dançando ao Sol*, com Cliff Richard e *Na Pista do Alfinete Novo* (ambos de estreia), 12 anos.

Domingo, em matinée e soirée, *A Pantera Cor de Rosa* (17 anos).

# POVO ALGARVIO

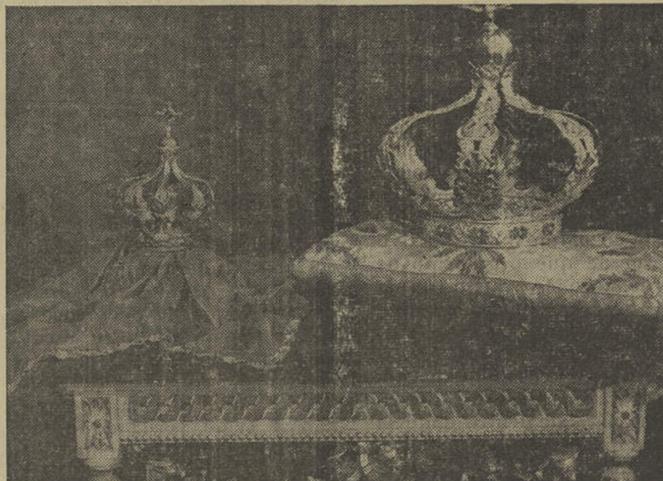
S E M A N Á R I O R E G I O N A L I S T A

## Apontamentos para o Museu de Arte Sacra

PINTURA SACRA EM TAVIRA (22)

OURIVESARIA

5 — Coroa de Santa Maria do Castelo. Prata branca, cinzelada, com pedras azuis e roxas. Exposição de 1950.



Coroas de Santa Maria do Castelo e de Nossa Senhora de Fátima

6 — Jarro e bacia do Lava-Pés. Prata branca. Modernos.

7 — Cálix do século XVII. Prata dourada. Exposição de 1950.

8 — Coroa de Nossa Senhora de Fátima. Ofertada pelas senhoras de Tavira, em Outubro de 1946. Exposição de 1950.

Da Igreja do Carmo:

9 — Lampadários da capela do Santíssimo. São dois, de prata e com as armas do Carmelo. Exposição de Tavira, de 1950.

10 — Galhetas. Prata branca relevada. Punções: um elefante sentado (num quadrado) e dois corações (noutro).

A galheta do vinho tem um cacho de uvas na tampa; a da água, folhas e flor.

São douradas no interior. Altura: 0,08 m. Século XVIII.

Figuraram na Exposição de Arte Sacra em Faro, em 1940, na I secção, com o n.º 46, e na de Tavira em 1950.

11 — Turíbulo e naveta. Prata branca relevada. Opérculo em pirâmide. Base do turíbulo bastante ornada — ornatos do século XVIII. Punções: escudo coroado com um P no campo; as letras A D em monograma.

A naveta e a colher são do mesmo estilo. A naveta, larga. Altura da naveta: 0,135 m. Comprimento: 0,17 m.

Exposição de Tavira, 1950.

12 — Cálix. De prata lisa, tendo na base um escudo coroado, com as armas do Carmelo. Punções: L coroado e um sinal parecido com um m gótico. (?)



Cálix do séc. XVIII



Custódia do séc. XIX

13 — Cálix. Prata dourada e relevada. Base lobulada com ornatos concheados e uma espécie de borlas. Pé com dois nós, o maior com os ornatos da base. Falsa-copa com acantos, muito curta. Século XVIII.

Altura: 0,27. Diâmetro da base: 0,13 m.; diâmetro da copa: 0,09 m.

Figurou na exposição de Faro, em 1940, na secção I, com o n.º 15, e na de Tavira em 1950.

14 — Custódia. Modelo vulgar do século XIX, com ametistas e minas novas. Exposição de 1950.

CONTINUA

Álvaro Pais

Este número foi visado pela Delegação de Censura

## A inauguração da delegação da T.A.P.

(Continuação da 1.ª página)

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses; dr. Luís de Ataíde, presidente do conselho de administração da Rádio Televisão Portuguesa; eng.º Manuel Bivar, director dos serviços técnicos da Emissora Nacional, almirantes Guerreiro de Brito e Joaquim de Sousa Uva, eng.º José António Madeira, comandante Zannati e outras pessoas de elevado relevo social, quase todos acompanhados de suas esposas, além de larga representação da imprensa diária e das ilhas adjacentes, agentes de viagem e de turismo, etc.

Após uma rápida visita às obras do novo aeroporto de Faro, os visitantes dirigiram-se para o edifício dos T. A. P. onde eram aguardados pelo sr. dr. Joaquim Romão Duarte, Governador Civil do Distrito, pelo sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo da Diocese, Vigário capitular da Vara, Monsenhor Manuel Pardal; o sr. major Vieira Branco, presidente da Câmara de Faro e muitas entidades oficiais distritais e locais.

Após o corte simbólico da fita, o reverendo prelado procedeu à benção do novo edifício, tendo pronunciado algumas palavras alusivas ao acto, as quais respondeu o sr. eng.º Vaz Pinto.

As 19 horas, no salão nobre da Câmara Municipal de Faro, foi oferecida pela T. A. P. uma recepção, à qual assistiram algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais. Durante o magnífico «cocktail», usaram da palavra o sr. eng.º Vaz Pinto, que agradeceu ao sr. Governador Civil e à Câmara Municipal, as facilidades concedidas, salientando a importância de melhoramento para o Algarve. Agradeceu as referências feitas o sr. major Vieira Branco, presidente do município farenses salientando a sua satisfação por ter sido uma companhia portuguesa a primeira a inaugurar no Algarve a sua Delegação, o que aumenta um passo seguro na senda do turismo algarvio.

Numeroso grupo de hospedeiras da T. A. P. ofereceram lembranças às senhoras e às entidades.

A caravana da T. A. P. que pernitou em Monte Gordo, regressou a Lisboa no dia seguinte.

## HOMENAGEM à poetisa Virginia Ramos

(Continuação da 1.ª página)

Desde então, a sua Alma era sempre Primavera. E foi nessa Primavera tão sentida sempre, tão desejada e apetecida que a flor se afanou e ruiu mais sonhos, mais rimas, mais asas para pairar mais alto.

A notícia amarga correu de boca em boca. A saudade é maior daquilo que por designios celestes jamais poderemos tornar a estreitar contra o coração. A flor, a singeleza, a luz, o amável e bondoso trato, tudo recolheu donde tinha partido.

Para os encantos e desencantos da vida havia sempre uma compreensão mais humana naqueles lábios, pois partiam duma alma que sempre se tinha inspirado e partilhado de centelha divina, que ampara os fracos e deles faz soldados rijos e valentes. Mas a luta findou.

Para lá da sombra a luz a acompanhar essa luzinha para lá donde a nossa insignificante miséria já nada pode ver, vão as nossas preces e as nossas lágrimas de tanta saudade.

Maria Leonor Horta

## TRANSCRIÇÃO

«O Sporting Olanense» no seu n.º 32, de 28 de Março findo, transcreveu na íntegra o artigo «Bravo Olanense», da autoria do nosso prezado colaborador, sr. Liberto Conceição, publicado num dos últimos números do nosso jornal. Os nossos agradecimentos.

## Cevada-Ferrejo

Vende-se em Tavira.

Quem pretender dirija-se a António da Conceição Pereira, Largo José Joaquim Jara — Tavira.

## DESPEDIDA

Manuel Pacheco Dias, esposa e filha, não tendo podido, por absoluta falta de tempo, apresentar, pessoalmente, os seus cumprimentos de despedida a todas as pessoas amigas, cujo convívio e atenções muito os sensibilizaram, fazem-no, por esta forma, e oferecem-lhes os seus préstimos na Nazaré, onde fixaram residência.